

VIOLÊNCIA URBANA E A EMERGÊNCIA DE UM NOVO PANOPTISMO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS DE LIDAR COM O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA EXACERBADA

¹Souza, Anselmo Alves de. ¹Abreu, Roberto R. ¹Caetano, Renato. Orientadora Profa. Mestra. ¹Souza, Adriane de.

¹Universidade do Vale do Paraíba: UNIVAP/ Faculdade de Educação, curso de Geografia, Jardim Aquarius – São José dos Campos - SP.
e-mail: anselmoalves2002@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral discutir do ponto de vista da geografia a violência urbana, seu conceito e sua manifestação na cidade. Analisando dessa maneira as novas práticas sociais para lidar com o aumento significativo da violência, do medo, da criminalidade em São José dos Campos nos últimos anos. Práticas ligadas ao do processo de aumento da crise social. Estabelecendo a relação entre uma simples guarita, cercas elétricas de um prédio ou casa, e com o excesso de câmeras em algumas praças públicas como é o caso da Praça Afonso Pena, localizada na zona central da cidade, relevando um novo panoptismo, ligado em práticos tanto de cunho particular, individual, quanto da própria administração pública.

Palavras-Chave: violência urbana, auto-segregação, panoptismo

Área do conhecimento: Geografia

Introdução

Localizada no interior do estado de São Paulo, a leste, pertencente ao Vale do Paraíba, é hoje, uma das principais cidades do estado, reconhecida pelo seu perfil tecnológico, com institutos de pesquisa de alta tecnologia, como CTA (Centro Tecnológico Aeroespacial), INPE (Instituto Tecnológico de Pesquisas Espaciais), tendo ainda nesse sentido o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), que forma jovens na área de engenharia.

Independentemente de sua condição, esta também, como qualquer outra cidade brasileira e mundial, sofre com os problemas criados pelo urbano, pela urbanização, e suas manifestações. Dessa maneira podendo ser destaque aqui o aumento da violência urbana, não que se deva considerar ou encarar o urbano, seus processos como sinônimos, determinantes da violência, mas sendo esta uma componente do mesmo, tendo em vista que este faz parte do espaço, e este espaço é entendido como instância social, daí a concepção baseada na crescente tensão social. Nesse sentido algumas práticas encontram aí sua justificativa e ação. Como afirma Caldeira (2000):

Violência e medo combinam-se a processos de mudanças sociais nas sociedades contemporâneas, gerando novas formas de segregação espacial e discriminação social. Nas últimas décadas, em cidades tão diversas como São Paulo, Johannesburgo, Buenos Aires, Budapeste, Cidade do México e Miami,

diferentes grupos sociais, especialmente das classes mais altas, tem usado o medo da violência e do crime para justificar tanto novas tecnologias de exclusão social, quanto sua retirada dos bairros tradicionais dessas cidades.

Em geral, grupos que se sentem ameaçados com a ordem social que toma corpo nessas cidades, constroem enclaves fortificados para sua residência, trabalho, lazer, consumo.

Nesse sentido o PDD - Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado 2006, São José dos Campos estima que a cidade possua atualmente uma população estimada em 610.965 habitantes e vem apresentando uma taxa de crescimento populacional de 2,23%. Sua densidade demográfica que atinge 555,62 hab./km² e a taxa de urbanização em 2000 foi de 98,78%.

Com aumento dessa ordem da taxa de urbanização fica clara a nova maneira como a cidade tem se comportado em suas mais diversas relações no âmbito social, podendo isso ser identificado através dos padrões de construção, observável pelas casas, dos prédios, shoppings centers, e praças públicas, transformando-se em uma realidade panóptica, baseada na segurança, na vigilância constante, em que o vigiado mal percebe que está sendo observado, de modo análogo ao Panopticon de Jeremy Bentham, citado por Foucault em seu texto intitulado Vigiar e Punir, sendo assim expresso e descrito por Foucault (1976):

O princípio é na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para o interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas, uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado a outro, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia. Em suma, inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de seu vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia.

Dessa maneira podemos considerar que os novos métodos de vigilância, adquirem força maior e eficácia com o advento de novas tecnologias. E com o aumento da violência urbana, da crescente crise social, que ganha mais abrangência com a exacerbação midiática, a cidade vai se apropriar desses recursos para transmitir a idéia de segurança.



Figura1. Câmera de vigilância. Fonte: www.sp.sjc.gov.br 03/08/2008.

Metodologia

Para elaboração deste trabalho foi utilizado recursos, materiais como fotografias que tratam do tema, livros que discutem o assunto. Desse modo foi feita uma análise de tais componentes, a fim de se chegar ao objetivo, que era o de discutir a inserção de novos elementos na arquitetura da cidade de São José dos Campos, relacionada ao medo da violência urbana.

Resultados

Frente ao fenômeno da violência urbana, percebeu-se que esta faz parte de um processo

maior de (a) estruturação do espaço e que vai além da idéia de crime propriamente dito. Podendo ser ainda observado que esta se manifesta na cidade de várias maneiras, não só do aumento do índice de criminalidade, estando presente nas ruas, nas casas, condomínios e praças, através de guaritas em prédios residenciais, de câmeras de vigilância em praças públicas, o que de certa maneira vem compor uma nova arquitetura da e na cidade, tanto em São José dos Campos, quanto em ou cidade, seja brasileira, ou estrangeira. Novas práticas sociais ganham força e acabam por fazer parte da vida de milhares de pessoas em todo mundo, não como iniciativa no caso individual, particular, principalmente de combate a violência, mas como uma maneira de lidar e se relacionar com este fenômeno social.

Discussão

Definir, conceituar o que venha a ser violência urbana, não é tarefa das mais fáceis do mundo. Nesse sentido é preciso compreender nuances, detalhes e caminhos sinuosos que se observados de forma incauta, pode levar seu espectador a engodos fatais. Face ao exposto optamos pela conceituação que parte da etimologia propriamente dita do termo violência, para posteriormente religá-la ao urbano, assim expresso por Zaluar (1999):

A dificuldade na definição do que é violência urbana e de que violência se fala é o termo ser polifônico desde sua etimologia. Violência vem do latim violentia, que remete a vis (força, vital). Esta força torna-se violência, quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca), que vai caracterizar um ato como violento percepção esta que varia cultural e historicamente.

Frente a tal caracterização do termo violência, observamos a amplitude e força que esta ganha, quando a incorporamos ao urbano, local em que relações maiores agudizam o violento, tornando-o parte do espaço, instância social, de modo que violência e urbano, conjugados, tornam-se violência urbana, com uma especificidade permeada pelo concreto e abstrato, pelo particular e o geral. Tendo como agentes vetores, forças, de esferas maiores.

O urbano compreende esferas distintas, porém, confluentes. Temos em seu interior o concreto, baseado na cidade e o abstrato relacionado ao geral, no processo social, na relação entre classes, comportando-se dialeticamente. Diante disso de que maneira encará-lo, como vislumbrar e ou propor no interior

do mesmo, a concepção de crise, tendo em vista que este é dual, dialético, de funcionamento “autônomo”. Sendo assim como categorizar, determinar isso ou àquilo como fenômeno relacionado ao urbano e dessa forma, tratá-lo como oriundo de seu funcionamento, e ainda assim denominá-lo de crise do urbano? Para termos algum êxito nesse sentido, é necessário que seja este (urbano), se possível for, desmembrado, seja isolado de sua postura dialética e com isso torná-lo mais claro e simplificado.

O urbano como abstrato, geral, portador de classes, vai se manifestar aos nossos olhos, quando do estabelecimento da produção espacial. Nesse sentido podemos observar que há um distanciamento entre o rico e o pobre, o que é sem dúvida manifestação da crise social da qual fazemos parte. E é no interior desta que encontraremos a violência urbana.

Agora, levando em conta o caráter da cidade, podemos observar que as cidades, as pessoas, lidam cada uma à sua maneira com a crise social, com os medos provenientes do aumento da distância entre riqueza e pobreza. Como afirma Daves (1993, apud Queiroz 2006):

Nesse quadro complexo e emblemático, percebe-se a exacerbação de três tendências marcantes no processo de produção espacial. O primeiro diz respeito ao processo de segregação urbana, em parte motivada pelo acirramento das desigualdades sociais, fruto do modelo de desenvolvimento econômico do país. [...] a segunda tendência que é a da auto-segregação. Para a população de maior renda, a cidade acena para o usufruto do conforto e segurança em espaços exclusivos. Essa tem sido a opção preferencial da população economicamente mais bem situada, seja pela moradia em condomínios fechados, no consumo em shoppings, cada vez mais vigiados, na circulação a bordo de veículos blindados e no lazer em resorts. A terceira tendência refere-se à emergência de um novo urbanismo, materializado no que Daves (1993) chamou de arquitetura do medo. É inegável que, cada vez mais, as cidades assumem feições ditadas pelo medo: muros altos, cercas eletrificadas ao redor das casas, guaritas de vigilância etc. o mesmo autor, especialmente no capítulo “Fortaleza La”, do livro A cidade de quartzo, aponta a proliferação de mecanismos reveladores do pânico e o apelo eloqüente à segurança privada: até mesmo os bairros mais ricos nos canyons e nas encostas de colinas se isolam através de muros guardados por polícia privada armada e por moderníssimos equipamentos de vigilância eletrônica. No centro, um “renascimento urbano” publicamente subsidiado ergue a maior cidadela empresarial da nação, segregada dos bairros pobres à sua volta por um monumental glacis arquitetônico. Em apologias do visual sitiado numa biblioteca projetada para se parecer com uma fortaleza da legião estrangeira. No Distrito de Westlake e no Vale de San Fernando, a polícia de Los Angeles faz barricadas nas ruas e isola os bairros pobres como parte de sua “guerra contra as drogas”.

Em Watts, o incorporador Alexandre Haagen demonstra sua estratégia para recolonizar os mercados varejistas do gueto: um minishopping panóptico cercado por grades de metal pontuadas e dispendo de uma subdelegacia do LAPD, numa torre central de vigilância.

Diante dessas afirmações, conseguimos enxergar o que aqui denominou-se de crise do urbano, crise na cidade. Desse modo percebe-se que o processo urbano, suas manifestações atingem diretamente a cidade, nas suas relações.



Figura 2. Guardas civis municipais, observando o que acontece na cidade de através várias câmeras espalhadas. Fonte: www.sp.sjc.gov.br 03/08/2008.

A materialidade, se assim podemos dizer, da violência urbana, está no aumento do índice de crimes, nas suas diversas modalidades, na própria transformação da arquitetura da cidade, e na inserção de novos elementos em sua concepção.

Conclusão

Evidencio-se que como muitas outras cidades, sejam elas brasileiras, ou não, São José dos Campos também sofre com as mudanças sociais, em função ao aumento significativo do processo de urbanização. Dessa maneira a violência urbana se manifesta, através não só do aumento da criminalidade, do processo migratório, mas também por intermédio da transformação da arquitetura da cidade, devendo esta ser entendida como inserção de novos elementos, como câmeras de vigilância, guaritas e etc, podendo ser visualizada em empreendimentos imobiliários, em praças públicas, locais privados, como os já mencionados shoppings centers, prédios residenciais e etc. Nesse tocante a cidade de São José dos Campos através de secretaria denominada Secretaria de Defesa do Cidadão, tem o COI, Centro de Operações Integradas, que tem como função monitorar através de oitenta câmeras espalhadas por vários pontos da cidade a

movimentação das pessoas com o intuito de prevenir eventuais assaltos, roubos ou coisa do tipo.

Face ao exposto verificou-se que seja um condomínio residencial ou não, shopping Center ou uma praça, tem de certa maneira uma forma comum, semelhante de lidar com a crescente crise social representada pela urbanização, pelo aumento da violência urbana. Agora se estas maneiras de se relacionar com tais fenômenos são corretas ou não, somente o tempo dirá.

Referências

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. A cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 2ª ed. São Paulo: Editora 34 – Edusp, 2003.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Editora Vozes, 1977.

QUIEROZ, Ivan da Silva. A cidade sitiada: da violência consentida ao medo com sentido. In Oliveira, Ariovaldo U. de. & Pontuschka, Nidia N. (orgs). Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo: 3ª Ed. Editor contexto, 2006.

ZALUAR, Alba. Violência e crime no Brasil da redemocratização. São Paulo em Perspectiva, 1999 - Scielo Brasil – texto disponível Google. Consultado em 14/042008.